



Jornal Arte&Educação
Dossiê - 50 anos

Dulce Regina Baggio Osinski Formada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, possui pós-graduação pela Academia de Belas Artes de Cracóvia, Polônia, Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná, atuando como docente do Programa de Pós-graduação em Educação. Realizou pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Lidera o Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação (GPHIE-CNPq).

E-mail:
dulceosinski@gmail.com

Referência:

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. O lugar da imagem no jornal Arte & Educação (1970-1978). **Revista VIS**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 19-42, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/index>.

O LUGAR DA IMAGEM NO JORNAL ARTE&EDUCAÇÃO (1970-1978)

*The place of the image in the journal
Arte&Educação (1970-1978)*

Resumo

Este artigo analisa o lugar da imagem no jornal *Arte & Educação*, órgão da Escolinha de Arte do Brasil (EAB) em circulação entre 1970 e 1978, buscando compreender seu projeto editorial, as categorias imagéticas presentes, e as relações entre as escolhas empreendidas por seus organizadores e as ideias por eles defendidas. A publicação será aqui pensada como objeto cultural e suporte material de práticas e leituras (Chartier), sendo também empreendidos diálogos com autores que discutem os campos da imagem (Aumont, Manguel, Santaella) e da história da educação (Caspard, Nóvoa, Bastos, Catani). Como fontes, são utilizados os originais do *Arte & Educação*, disponíveis na Biblioteca Nacional, e coletânea organizada por Orlando Miranda.

Palavras-chave: Escolinha de Arte do Brasil; Jornal *Arte & Educação*; educação pela arte; imagem e história; imprensa pedagógica.

Abstract

This article analyzes the presence of the image in the newspaper Arte & Educação, an organ of the Escolinha de Arte do Brasil (EAB) in circulation between 1970 and 1978, seeking to understand its editorial project, the categories of images contemplated and the relationships between the choices made by its organizers and the ideas they advocated. The publication will be conceived here as a cultural object and material support for practices and readings (Chartier), and dialogues are also undertaken with authors who discuss the fields of image (Aumont, Manguel, Santaella) and the history of education (Caspard, Nóvoa, Bastos, Catani). As sources, the originals of Arte & Educação available at the National Library and collection organized by Orlando Miranda are used.

Key-words: *Escolinha de Arte do Brasil; Journal Arte & Educação; education through art; image and history; pedagogical press.*

Introdução

Para aqueles que podem ver, a existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar a própria existência (MANGUEL, 2001, p. 21).

Este artigo analisa a presença da imagem no jornal *Arte & Educação*[1], órgão da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), em circulação no período entre 1970 e 1978[3], buscando compreender suas funções no projeto editorial, mapear as categorias de imagens presentes e estabelecer relações entre as escolhas empreendidas por seus organizadores e as ideias por eles defendidas. A análise, feita com base na combinação de dados quantitativos e qualitativos, leva em conta fatores como a autoria, as temáticas exploradas e as categorias imagéticas às quais as reproduções estão vinculadas.

A publicação será aqui pensada como objeto cultural e suporte material de práticas e leituras (CHARTIER, 1998, p. 2001), o qual expressa as intenções de quem o produziu, seja em sua configuração visual, nos conteúdos nele expressos ou nas imagens selecionadas para figurar em suas páginas.

A imprensa, considerada por autores como Nóvoa, Bandeira, Paulo e Teixeira (1997, p. 11-13) como um dos meios privilegiados para a apreensão da diversidade educativa, possibilita, por meio de sua análise, a apreensão de “discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema, mas também no plano micro da experiência concreta”, por exprimirem desejos de futuro enquanto denunciam situações do presente. Concebida como objeto de estudo autônomo, historiadores têm se debruçado sobre ela nas últimas décadas, interrogando-a a partir de múltiplas perspectivas, entre as quais se destacam o seu papel na disseminação de ideias ao longo dos dois últimos séculos, a multiplicidade de objetivos e assuntos presentes em suas páginas, o modo como foi utilizada pelos atores interessados nos processos educacionais e o papel desempenhado nas ligações entre os desdobramentos sociais e as mudanças no campo educativo (NÓVOA; BANDEIRA; PAULO; TEIXEIRA, 1997, p. 15).

Referindo-se especificamente às revistas especializadas em educação, Catani e Bastos (1997, p. 7) afirmam que estas “constituem uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo”, fazendo circular informações sobre o trabalho pedagógico, as práticas docentes, o ensino de disciplinas e conteúdos específicos, e a categoria do magistério, entre tantos outros temas referentes aos espaços educacionais.

[1] Como fontes privilegiadas de análise, fazemos uso dos originais dos jornais guardados no acervo da Biblioteca nacional e de coletânea organizada por Orlando Miranda (2009), que os reproduziu ao modo de *fac-similes*, embora com formato reduzido.

[2] A análise se deterá nas edições dentro da proposta original do periódico, excluindo edições de caráter comemorativo que foram publicadas nas datas de fevereiro de 1999, março e dezembro de 2006, janeiro de 2008 e janeiro de 2009 (ARTE & EDUCAÇÃO: 1970-2009).

Mais ágil e interativa que os tratados acadêmicos ou os manuais didáticos, a imprensa pedagógica, abundante e diversa, constitui, de acordo com Caspard e Caspard (1997: 46), observatório para as questões educacionais, escolares e de formação. Considerados por Bastos (1997, p. 173) instrumentos privilegiados para a construção do conhecimento, jornais, revistas e boletins voltados à educação podem revelar, por meio da análise do discurso neles veiculado e da ressonância dos temas debatidos, o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social, dentro e fora do universo escolar. Por outro lado, a pretensão de estabelecer diretrizes para o trabalho docente lhes confere uma determinada capacidade de influenciar a cultura escolar (Nogueira, 2007, p. 61) ao disseminar saberes, condutas e modos de pensar.

No contexto dos periódicos educacionais, o jornal *Arte & Educação* guarda algumas peculiaridades por não ser direcionado especialmente às instâncias escolares regulares, não ser editado por professores, secretarias de educação ou outras instituições oficiais, pelo envolvimento de intelectuais de relevo dos campos da arte, da educação e da psicologia, e por não abordar a educação de um ponto de vista mais amplo, concentrando-se na proposta de educação pela arte.

Um jornal em defesa da educação pela arte

Instituição fundada em 1948 na cidade do Rio de Janeiro por iniciativa do artista pernambucano Augusto Rodrigues, da artista gaúcha Lúcia Alencastro Valentim e da escultora estadunidense Margareth Spencer (ESCOLINHA, 2021), a Escolinha de Arte do Brasil se vinculava aos pressupostos da educação pela arte, atuando à margem do sistema escolar regular e mesmo criticando a escola por suas limitações aos impulsos criadores dos educandos. Seus ideais, defendidos especialmente pelo intelectual britânico Herbert Read^[3], tinham raízes em experiências anteriores, a exemplo das realizadas pelo artista e educador austríaco Franz Cizek, pela educadora britânica Marion Richardson e pelo filósofo e educador norte-americano John Dewey. Adeptos de processos relacionados às correntes educacionais renovadoras, esses educadores valorizavam a liberdade de expressão artística da criança e a não intervenção de adultos – familiares ou professores – em seus processos criativos, vendo na arte a solução para uma educação criadora.

Além de atividades de frequência livre para crianças e adolescentes, oferecidas desde sua instituição, a EAB passou a organizar, a partir de 1961, o Curso de Intensivo de Arte e Educação (CIAE), voltado à capacitação de professores. Outras atividades, como exposições de arte infantil, cursos e oferta de estágios, também faziam parte de suas atribuições.

Protagonista do Movimento Escolinhas de Arte (MEA), responsável pelo surgimento de instituições congêneres no país e no exterior, a EAB mantinha relações com instituições internacionais como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) e a INSEA (Sociedade Internacional para Educação pela Arte), recebendo subvenções, para seu funcionamento, de órgãos públicos como o Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara.

[3] No contexto da Segunda Guerra Mundial, o intelectual, poeta e crítico de arte e literatura Herbert Read (1893-1968) organizou a Exposição de Desenhos de Escolares Britânicos, que circulou por diversos países, incluindo o Brasil, como forma de propaganda em defesa das nações aliadas. O projeto deu origem à obra de sua autoria intitulada *Education through Art* (Read, 1943), que se tornaria referência para a educação em arte nas décadas seguintes.

A ideia da criação de um jornal voltado para a educação em arte[4] surgiu a partir da participação de membros da EAB, entre eles Zoé Chagas Freitas, na época vice-presidente da Instituição, no XX Congresso Mundial da INSEA, realizado em agosto de 1970, em Coventry, Inglaterra (FREITAS, 2006, p. 5). O contato com projetos semelhantes teria estimulado o grupo de educadores a investir numa publicação que tivesse como objetivos estimular a comunicação e o intercâmbio entre escolinhas de arte, documentar as atividades da Escolinha de Arte do Brasil, divulgar pesquisas realizadas na área e informar o público sobre as tendências atuais da educação através da arte (RODRIGUES, 1970, p. 1). Curiosamente, mesmo sendo partidária de um projeto que valorizava a liberdade de expressão, o *Jornal Arte & Educação* nasce no contexto de plena vigência da ditadura civil-militar, em vigor desde 1964, e no mesmo momento em que estava sendo gestada a lei 5692/71, que redefiniria as bases para o ensino regular no país[5]. Uma de suas providências, a introdução da Educação Artística nos currículos escolares, seria responsável por mudanças profundas no campo da educação em arte, entre elas a exigência de formação específica para o professor e a consequente criação de curso superior de licenciatura na área artística.

Tendo como público-alvo professores e educadores envolvidos com escolinhas de arte, mas também pais de alunos e a intelectualidade artística e educacional interessada, o periódico, cuja intenção de periodicidade inicial era mensal, teve um percurso acidentado e irregular ao longo de sua existência. Mesmo contando com o apoio de veículos como *O Dia* e *A Notícia* para sua impressão e o patrocínio de empresas privadas em parte de seus números, tais recursos não eram suficientes para cobrir seus custos e garantir a constância desejada, ainda mais tendo em vista que a própria EAB passava constantemente por problemas financeiros, conforme revelam matérias publicadas em jornais da época[6].

Foram publicados ao todo 25 números, contanto com o número 0 (zero), de caráter experimental, os quais mantiveram certa regularidade no formato e nos conteúdos publicados, passando, entretanto, por longos períodos de abstenção entre um número e outro em algumas ocasiões. A edição em monocromia e o formato de 28 X 28 cm relacionam o periódico às configurações de um jornal, denominação assumida pelos responsáveis por sua realização. Entretanto, apesar de também ser referido por outros veículos da imprensa como tabloide ou boletim, algumas de suas características, como o número reduzido de colunas, entre três e quatro, a presença marcante das imagens, o conteúdo reflexivo e ensaístico da maior parte de seus artigos, e a periodicidade, sugerem uma aproximação maior com a categoria de revista.

[4] Para saber mais sobre o contexto de criação, temas tratados, aspectos materiais, circulação e ciclo de vida do *Jornal Arte & Educação*, ver Osinski (2018).

[5] Uma de suas providências, a introdução da Educação Artística nos currículos escolares, seria responsável por mudanças profundas no campo da educação em arte, entre elas a exigência de formação específica para o professor e a consequente criação de curso superior de licenciatura na área artística.

[6] Foram inúmeros os artigos publicados nas décadas de 1960 e 1970 alertando para as dificuldades enfrentadas pela Escolinha de Arte do Brasil e conclamando a sociedade a sair em sua defesa. Alguns exemplos podem ser citados, como o texto de Walmir Ayala (1970) intitulado "Escolinha Salva", publicada no *Jornal do Brasil* (12 jan. 1970), as matérias do *Correio da Manhã*, que levavam títulos sugestivos como "Escola de arte fica sem verba e pode fechar" (28 fev. 1970), "Escolinha resiste e vence" (03 mar. de 1970), ou a que teve lugar no *Jornal do Brasil* alguns anos mais tarde (20 jul. 1978), que assumia o tom de convocação: "SOS Rio: vamos salvar uma escola?".

Não havendo a preocupação da estruturação em seções definidas, os conteúdos do jornal *Arte & Educação* se dividem entre artigos de reflexão, notícias, notas, entrevistas, depoimentos, além de relatos de palestras, conferências. Também se fazem presentes, em menor número, textos literários, editoriais, cartas de leitores, sugestões de bibliografias e transcrições de leis e regulamentos.

Com relação aos temas abordados, nota-se uma predominância daqueles que tratam das relações entre arte e educação e os referentes à psicologia da educação, que somam um pouco menos de dois terços do total. Temas relacionados às artes são objeto de 16% das matérias, e embora haja uma predominância das artes plásticas, também outras linguagens como a música, as artes cênicas, o cinema, a arte popular, o folclore, o artesanato, a arquitetura, o patrimônio e o paisagismo aparecem ocasionalmente. Textos sobre literatura e comunicação também têm seu espaço no periódico, sendo que outros temas, a exemplo do futebol, aparecem eventualmente.

Entre os muitos colaboradores que contribuíram com seus textos para o jornal sobressaem-se os artistas, educadores e psicólogos num universo em que 68% dos textos são autorais. Sociólogos, antropólogos, historiadores, críticos de arte, arquitetos, jornalistas, poetas e escritores completam o rol de personalidades que cederam sua produção para veiculação no *Arte & Educação*.

Produzindo textos especialmente para o jornal ou permitindo sua reprodução, destacam, entre os muitos autores mapeados, os integrantes da EAB Augusto Rodrigues, Lúcia Valentim e Maria Helena Novaes Mira, os escritores Celina Ferreira e Clarival Valladares, o educador Durmeval Trigueiro Mendes, o psiquiatra Pedro Figueiredo Ferreira e o escritor Artur da Távola. Além deles, os leitores puderam ter contato com a produção intelectual de autores do campo da educação como Jean Piaget, John Dewey e Anísio Teixeira; de representantes da educação pela arte, como Viktor Lowenfeld, Herbert Read, Tom Hudson e Ana Mae Barbosa; de artistas como Henri Matisse e Paul Klee, Marília Rodrigues, Abelardo Rodrigues, Ziraldo e Laís Aderne; do paisagista Burle-Marx e do arquiteto Lucio Costa. A contribuição sobre os debates sobre a produção artística contemporânea ficou a cargo de teóricos da arte como José Roberto Teixeira Leite, Frederico Morais, Annateresa Fabris e Décio Pignatari. Escritores e poetas como Cecília Meireles, Clarice Lispector, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade integram igualmente um corpo de autores de peso que incluía ainda o músico H.J. Koellreutter, a psiquiatra Nise da Silveira e o sociólogo Gilberto Freire.

Acompanhando 59% das matérias publicadas, a presença abundante de imagens foi uma das características de *Arte & Educação* que se manteve em todos os números publicados. Impressas em preto-e-branco e ocupando por vezes lugar de destaque na diagramação visual, elas serão objeto de atenção na análise que segue.

Imagens em contexto: entre fotografias, obras de arte e desenhos infantis

As muitas dimensões da imagem e seus variados papéis na vida humana têm sido objeto de discussão de autores como Alberto Manguel (2001, p. 21), para quem somos em essência “criaturas de imagens”. Concebidas como símbolos, sinais, mensagens ou alegorias, as imagens povoam nossa existência desde tempos imemoriais.

Não obstante, foi a partir da disseminação de processos de gravação e impressão[7], introduzidos no contexto europeu no século XIV, e especialmente com a disseminação da imprensa, a invenção da fotografia e o desenvolvimento de processos fotomecânicos a partir do século XIX, é que elas passaram a circular de forma mais ampla, especialmente quando associadas à tipografia, à litografia e mais tarde ao off-set, tornando-se reproduzíveis e disponíveis para um público cada vez mais numeroso.

Seja na forma de pinturas, desenhos, gravuras, fotografias ou publicações, as imagens permitem aos historiadores “compartilhar as experiências ou o conhecimento de culturas passadas” (BURKE, 2004, p. 16-17) e imaginar o tempo pretérito de maneira mais vívida. Por meio delas, é possível perceber nuances da narrativa histórica não perceptíveis em fontes escritas e visualizar aspectos não possíveis de serem apreendidos apenas por meio de descrições textuais. Toda imagem é “portadora do pensamento de seu autor e principalmente da cultura” (ENTLER, 2012, p. 133), sendo invariavelmente fruto de construções discursivas que expressam ideologias, pontos de vista, opções estéticas e modos de ver o mundo. Não obstante, Aumont (2010) nos alerta para o fato de que tampouco o observador é neutro, sendo suas interpretações filtradas por vivências, saberes, afetos e crenças condicionados pelos contextos temporal e espacial em que vive, e pela cultura da qual faz parte.

O advento dos processos de produção de imagens, que Santaella e Nöth (2008) classificam como pertencentes ao universo do paradigma fotográfico[8], possibilitou a reprodução de registros imagéticos de variadas origens e meios, oportunizando a geração de “imagens de imagens” (BERTETTO, 2006, p. 272) e gerando a perda progressiva da relevância da ideia de origem. É esse o caso das imagens que constam em impressos como o jornal Arte & Educação. Reproduções de desenhos originais, de fotografias tiradas por fotógrafos ligados à EAB, de clichês pré-existentes ou mesmo de fotografias de obras de arte, tais imagens, mesmo veiculadas em preto-e-branco, cumpriam funções diversas no contexto do periódico.

O cuidado com os aspectos visuais foi presença marcante no projeto do periódico, que contou com a colaboração do artista gráfico e cartunista Zivaldo, responsável pela concepção gráfica de logotipo e por sugestões da diagramação que foi utilizada nos 13 primeiros números (Figura 1). De um modo geral, imagem e texto dividiam o espaço das páginas na organização dos elementos gráficos, sendo relativamente raras as imagens ocupando página inteira. Mesmo assim, em muitas ocasiões elas aparecem em meia página, o que lhes conferia destaque no âmbito dos assuntos tratados.

[7] Podem ser citados nesse sentido técnicas como a xilogravura, a gravura em metal (calcografia), a litografia e a serigrafia, as quais foram responsáveis pela reprodução de imagens ao longo de séculos com fins diversos, seja na confecção impressos como livros, cartazes, folhetos, etc., seja no que se refere à fabricação de tecidos, papéis de parede, mobiliários, embalagens e outros objetos utilitários.

[8] Santaella e Nöth (2008) cunharam, para fins de sistematização, uma classificação da produção imagética em três paradigmas: o pré-fotográfico, referente às imagens produzidas artesanalmente, o fotográfico, cuja imagem é captada por dispositivos óticos, e o pós-fotográfico, resultante das imagens produzidas essencialmente por meios digitais.

ARTE & EDUCAÇÃO

ano I

escolinha de arte do brasil

setembro - 70

apresentação

Há 22 anos, a Escolinha de Arte do Brasil iniciou entre nós o trabalho pela integração das atividades artísticas no processo educativo, organizando um movimento de âmbito nacional que chegou a ultrapassar nossas fronteiras. Hoje mais de 50 escolinhas de arte, sem contar aquelas de que não temos registro, se espalham pelo País afora, dando seqüência aos princípios de uma nova educação através da arte, tão bem sistematizadas por Herbert Read em sua obra clássica.

Matriz desse movimento no Brasil, a Escolinha tem se esforçado no sentido de não faltar com sua presença e sua experiência na formação da criança e do jovem, ajudando a renovar o sistema de ensino, promovendo cursos e estágios para professores em todos os níveis e em vários campos de atividade artística, inter-relacionada com a educação.

Partimos do princípio de que toda criança tem necessidade de se expressar livremente. Fazê-la participar da alegria criadora, através de um clima de compreensão e confiança é a melhor recompensa que lhe pode dar o educador. A arte, através de seus símbolos, dá curso ao ajustamento da vida emocional, facilita o exercício da disciplina interior, cria condições propícias à aprendizagem formal da escola porque é fator de integração e de desenvolvimento harmonioso da personalidade.

Hoje tentamos uma reestruturação de nossas atividades; procuramos caminhos novos para ir ao encontro da criança e do jovem do Brasil, através de novas formas de comunicação, auscultando-lhe seus anseios e procurando atendê-los melhor em suas exigências como agentes próximos da era tecnológica que marca o nosso tempo.

Nessa perspectiva, incorporando ao seu trabalho as contribuições da ciência e da tecnologia, pretende a Escolinha de Arte do Brasil ampliar suas atividades de pesquisa nas áreas de sua especialidade, estruturadas com a fundamentação e a metodologia científica que lhe são próprias, de modo a estender seu raio de ação e inserir uma dimensão nova em sua função criativa.

Para o registro dessas atividades, e para estimular a comunicação e o intercâmbio entre as escolinhas de arte do País e do exterior, impunha-se o lançamento do periódico ARTE & EDUCAÇÃO, órgão da Escolinha de Arte do Brasil, que pretende documentar seu labor criativo, socializar experiências através da divulgação de pesquisa, além de manter o público informado das tendências atuais de educação, inspirada nos ideais de liberdade e criatividade, a serviço da paz.

augusto rodrigues

DESENHO:
EXPRESSION PRÉ-VERBAL
DO PENSAMENTO INFANTIL
P. 2

A CONCEPÇÃO
EDUCACIONAL
DE HERBERT READ
P. 5

AS ESCOLINHAS
DE ARTE
DE AUGUSTO RODRIGUES
P. 3

TEATRO:
LABORATÓRIO
DE CRIATIVIDADE
P. 7

É PRECISO
OLHAR A VIDA INTEIRA
COM OLHOS DE CRIANÇA
P. 4

CONGRESSO DA INSEA:
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
NUM MUNDO EM
CONSTANTE MUDANÇA
P. 12



Figura 1 - Capa do número experimental de Arte & Educação.

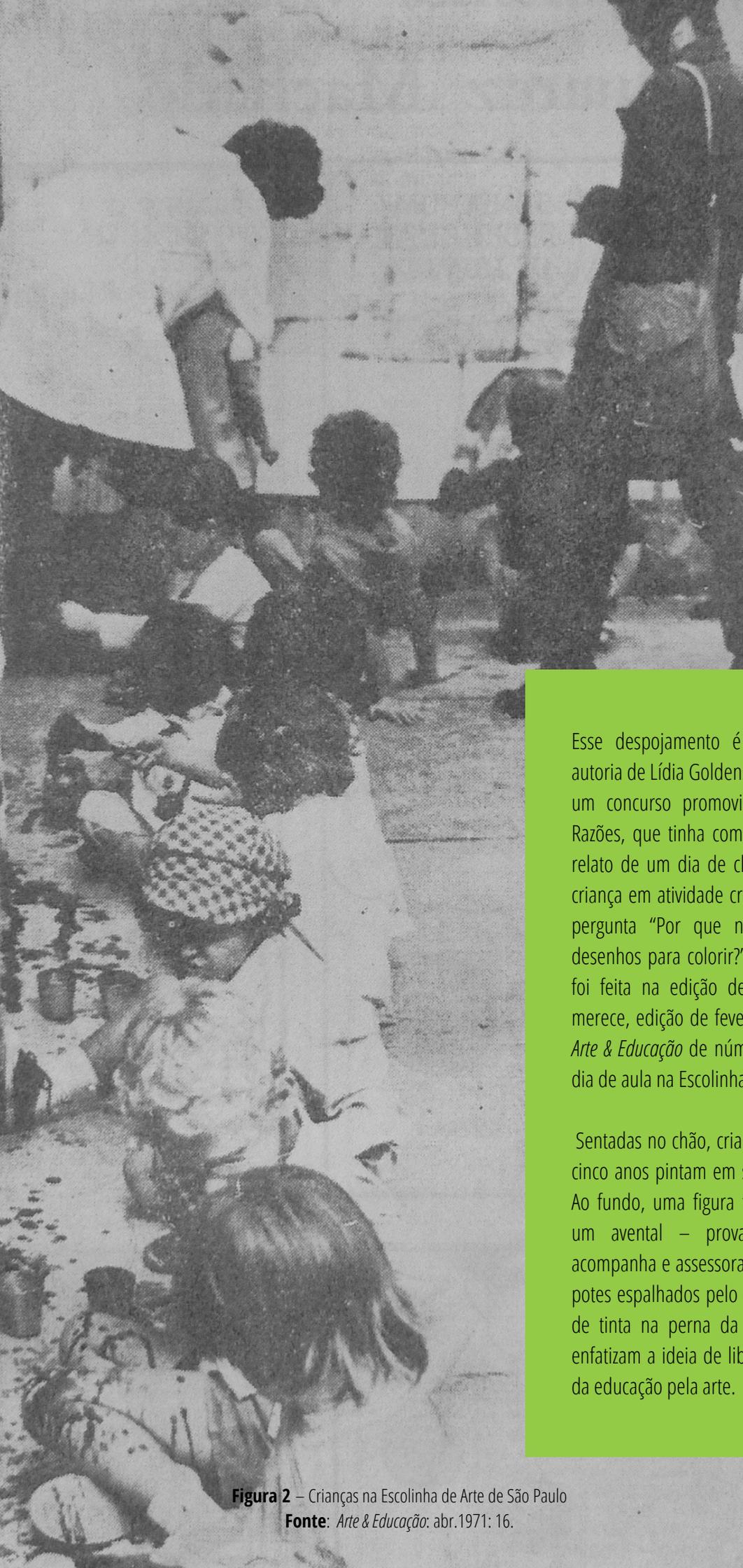
Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional e de coletânea organizada por Orlando Miranda (2009)

Trabalho de Virgínia (6 anos) — EAB

Foram mais de quatrocentas imagens veiculadas nos oito anos de funcionamento do jornal, as quais se dividem em fotografias de temas variados (46%), reproduções fotográficas de ilustrações, obras de arte, artesanato e design (32%) e reproduções de trabalhos artísticos infantis (22%). Mais da metade delas (57%) foram publicadas sem autoria declarada, característica mais frequente no caso das fotografias, cujos autores foram mencionados apenas em 21% dos casos. As fotografias restantes, em sua maioria, tratavam-se de reedições de imagens reproduzidas por outros veículos. De forma geral, as imagens aparecem cumprindo funções de documentação ou ilustração, não sendo problematizadas nos textos que acompanham. Pelas características técnicas inerentes desse tipo de publicação e serem, como já mencionado, muitas vezes imagens de imagens, ou seja, de segunda ou terceira geração, há em muitos casos uma perda de qualidade no que se refere à definição, aos meios tons ou aos contrastes. Também o fato de serem trabalhadas em monocromia é um fator limitador no caso de originais em que a cor é fundamental, como as obras de arte ou os desenhos e pinturas infantis.

Entre os autores que tiveram seus nomes registrados junto às fotografias publicadas estão Augusto Rodrigues, Regina Alvarez e Antonio Carlos Rodrigues. Juntos, os três foram responsáveis por 90% das imagens cuja autoria conhecemos. Chamam atenção suas relações próximas com a EAB. Ocupando à época os cargos de diretor técnico da Escolinha e editor do *Arte & Educação*, Augusto Rodrigues foi o autor de 13 fotografias, as quais tiveram como tema as atividades da instituição, além de outros motivos específicos para ilustrar determinadas matérias. Esse também foi também o caso de Antonio Carlos Rodrigues, que figura em algumas edições como representante do periódico em Paris e que contribuiu com duas fotografias em que aparecem crianças agrupadas e brincando. Já Regina Alvarez, que ganhara em 1969 o Prêmio Kodak de Fotografia e atuava como arte-educadora da EAB, foi responsável pela documentação fotográfica do Encontro das Escolinhas de Arte, ocorrido no Rio de Janeiro entre 17 e 21 de julho de 1972 e que congregou cerca de 200 professores e artistas brasileiros. O evento foi objeto de matérias no *Arte & Educação* de número 12, que contou com 15 imagens da artista. Alvarez, que desenvolveria posteriormente carreira artística no campo da fotografia, realizava naquele momento, no ambiente da Escolinha, pesquisas sobre arte e tecnologia. A partir de interferências na película do filme, as quais consistiam em desenhar em sua superfície, “descolorindo, queimando ou criando transparências a serem projetadas a partir de embalagens de celofane”, foi responsável pela realização, junto com seus alunos, de uma série de audiovisuais que tinham como motivação inicial os sonhos narrados pelas crianças (ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE, 2011).

Um olhar panorâmico para os temas abordados nas imagens fotográficas aponta para a predominância de registros de eventos como encontros de arte-educação e espetáculos artísticos, cenas de adultos em atividades educacionais, retratos de personalidades dos campos da arte e da educação e principalmente cenas envolvendo crianças em situações diversas. Elas estão presentes em 42% das fotografias e integram 19% do total de imagens veiculadas, sendo mostradas sobretudo em situações de plena atividade artística. Alunos e alunas de escolinhas de arte pintando, desenhando, modelando ou realizando outros trabalhos de expressão plástica aparecem em 44% das imagens desta categoria. Com frequência estão trabalhando sentados no chão, em posições descontraídas que contrastam com as representações correntes dos ambientes escolares tradicionais, com carteiras enfileiradas ou agrupamentos de alunos ordenados e posados.



Esse despojamento é percebido na imagem de autoria de Lídia Goldenstein (Figura 2), vencedora de um concurso promovido pelo jornal intitulado 3 Razões, que tinha como objetivo premiar o melhor relato de um dia de classe, a melhor fotografia de criança em atividade criadora e a melhor resposta à pergunta “Por que não se deve dar à criança desenhos para colorir?”. A chamada para o certame foi feita na edição de número 2 do jornal Você merece, edição de fevereiro de 1971). Publicada no *Arte & Educação* de número 5, a imagem retrata um dia de aula na Escolinha de Arte de São Paulo.

Sentadas no chão, crianças com idades entre dois e cinco anos pintam em suportes afixados na parede. Ao fundo, uma figura feminina de costas, vestindo um avental – provavelmente a professora – acompanha e assessora o trabalho de uma delas. Os potes espalhados pelo chão, bem como as manchas de tinta na perna da criança em primeiro plano, enfatizam a ideia de liberdade tão cara aos adeptos da educação pela arte.

Figura 2 – Crianças na Escolinha de Arte de São Paulo
Fonte: *Arte & Educação*: abr.1971: 16.

O mesmo se dá com a imagem publicada em setembro de 1971 (Figura 3), representando as atividades desenvolvidas na Escolinha Municipal de Pelotas, RS. Nela, um grupo de crianças com idade de 5 anos trabalha num projeto que tem como tema as aventuras do homem pelo espaço sideral. As crianças da esquerda atuam de forma colaborativa na pintura de um foguete, umas de pé, outras sentadas. À direita, uma menina sobe na mesa para alcançar seu alvo, enquanto sua companheira atua na base do objeto espacial. A fotografia aparece na página de forma independente, e a legenda, informando sobre o trabalho realizado, comenta que em sua elaboração “desenvolve-se a sensibilidade artística da criança, ao mesmo tempo que se lhe proporciona novos conhecimentos” (*Arte & Educação*, jun. 1971, p. 16).

Além de enfatizar a liberdade de expressão, as imagens acima remetem às ideias pedagógicas renovadoras, seja no que se refere à autonomia do aluno, seja na importância do aprendizado por meio do fazer, como defendido por intelectuais nas primeiras décadas do século XX, como o educador norte-americano John Dewey.

Integrando 32% das representações de crianças, também são significativas as fotografias em que elas aparecem brincando, em jogos coletivos ao ar livre ou conversando entre si. Em algumas ocasiões, elas são representadas acompanhadas de seus professores em situações de ensino-aprendizagem (11%). Em menor número, algumas imagens de crianças sozinhas ou acompanhadas de mulheres em atitude maternal ilustram textos com temas relacionados à infância ou às relações entre pais e filhos.

Mesmo sem mencionar os autores individualmente, merece atenção a publicação, em agosto de 1972, de matéria que teve como título “Escolinha vê e fotografa o zoológico” (*Arte & Educação*, ago.1972, p. 8-9). Em duas páginas inteiras, são apresentadas 15 imagens feitas pelos professores e alunos da EAB como resultado de um exercício de introdução à fotografia. O texto sucinto justifica a importância da fotografia para as artes visuais no contexto contemporâneo e para a educação infantil pela arte. Girafas, leões, elefantes, jacarés e outros animais aparecem nas imagens captadas pelas crianças e por seus educadores, que também registraram os alunos enquanto fotografavam.



Figura 3 – Escolinha Municipal de Arte de Pelotas
Fonte: *Arte & Educação*, jun. 1971, p. 16.

A presença infantil nas imagens do jornal aumenta se considerarmos a soma de representações de crianças em fotografias com as reproduções de sua produção artística, cujo total ultrapassa 40% em relação ao número total de imagens, indicando que seu protagonismo transcendia os textos que tomavam a criança como objeto ou tema.

Não obstante, se no caso das fotografias a maioria dos autores das imagens é desconhecida, já para as reproduções de obras de arte e trabalhos infantis a situação é inversa, pois dois terços delas são diretamente relacionadas aos seus autores. Em geral, os desenhos e pinturas das crianças são identificados com o primeiro nome do autor seguido da idade. Já as obras de arte são identificadas com os nomes e sobrenomes de seus autores.

A importância dada a esse tipo de produção é exemplificada pelo fato de a capa da primeira edição experimental, de número zero, levar a imagem de um desenho feito a pincel, de autoria de Virgínia, de 6 anos (*Arte & Educação*, 1970, 1), frequentadora da EAB (Figura1). Representando uma figura feminina de forma esquemática, linear e gestual e inserida de forma autônoma na página, a imagem vem acompanhada de apresentação do jornal *Arte & Educação* assinada por Augusto Rodrigues, porém sem relação direta com a mesma.

A escolha do desenho de Virgínia para a estreia do empreendimento editorial da EAB reflete uma preferência da editoria por trabalhos de crianças menores, considerados mais espontâneos e afinados com a filosofia da liberdade de expressão por ela advogado. Isso se reflete igualmente na porcentagem de trabalhos infantis publicados com autoria declarada de crianças na faixa de 4 a 7 anos, de 63%, enquanto apenas 21% tinham como autores meninos e meninas com 8 a 11 anos. Esse número era ainda menos no caso de adolescentes entre 12 e 15 anos, que compareceram com apenas 16% do total de desenhos e pinturas publicados.

Executados linguagens como a gravura, a pintura ou o desenho em técnicas variadas, os trabalhos de crianças presentes no jornal *Arte & Educação*, quase em sua totalidade figurativos, representam em sua maioria elementos humanos, mas também naturezas mortas, motivos animais e paisagens. Muitos deles servem como ilustrações para artigos sobre educação em arte ou psicologia da educação, como forma de exemplificação das questões discutidas ou das metodologias defendidas. Assuntos como a conquista da lua, então em alta, são explorados pelas crianças a partir de provocações feitas nas atividades da Escolinha. O desenho de Kuyakuyali, um menino de 15 anos, da etnia Menikáku, publicado na capa da edição de janeiro de 1971, pode ser considerado exceção, por apresentar padrões abstratos, realizados a partir da configuração de espinha de peixe (Figura 4). A imagem se relaciona com matéria publicada na página 3 da mesma edição, intitulada "Kaiti, pajé e ceramista", que aborda a produção artística da população indígena do Alto Xingú.

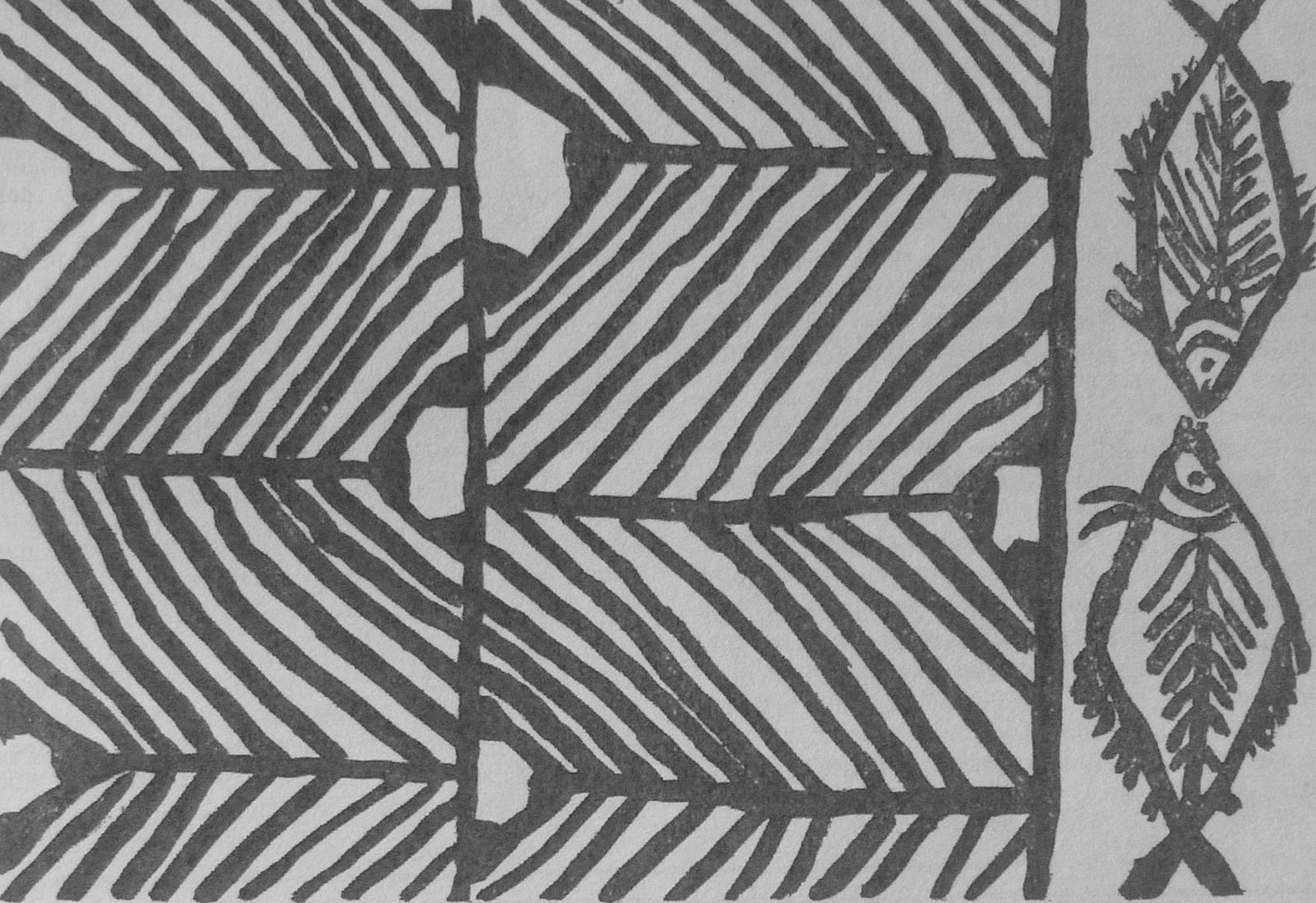


Figura 4 – Desenho de Kuyakuyali, menino de 15 anos da etnia Menináku

Fonte: *Arte & Educação*, jan. 1971, nº 1.

Em duas ocasiões, os desenhos infantis cumpriram o papel de incentivo à participação em concursos de arte infantil. Na primeira, dois desenhos de elementos arquitetônicos acompanham o artigo intitulado “Retrato do Brasil visto pelas Crianças” (*Arte & Educação*, jul. 1974, p. 10-11), que trata de projeto promovido pela Sociedade Brasileira de Educação através da Arte (SOBREART), que tinha como objetivo selecionar 400 desenhos de meninos e meninas de todo Brasil para edição posterior de livro, que levaria o título “O Brasil visto por suas crianças”. Na segunda, um desenho de paisagem do Rio de Janeiro acompanha o texto “O Rio de Janeiro visto por suas crianças”, sobre os desdobramentos do projeto anterior, que tiveram como um de seus resultados a realização de uma exposição na sede do Banco do Estado da Guanabara (*Arte & Educação*, dez. 1974, p. 16). Nenhum desses trabalhos traz identificação de autoria, mas o fato de se relacionarem a esse tipo de certame competitivo acabava fazendo com que servissem de modelos do que seriam desenhos infantis desejáveis ou adequados para tal finalidade.

Por vezes, o entrosamento entre o desenho infantil escolhido para a publicação e os conteúdos abordados pelo autor do texto se dá de modo especial. Este é o caso do “desenho-poesia”, de autoria de André, de 8 anos (Figura 5), frequentador da Escola Parque da Gávea e torcedor do Flamengo, que expressa o amor ao seu time combinando texto e imagem. Nele, a figura de uma criança ostenta o emblema do clube sobre a cabeça, e de sua boca saem versos da canção “Fio Maravilha”, de Jorge Benjor. A repetição das palavras e sua disposição no papel remetem ao ritmo música e se integram na composição visual numa relação com as experiências de poesia concreta, bastante exploradas naquele momento. Sua produção acompanha texto de autoria de Carlos Drummond de Andrade intitulado “A educação do ser poético”, publicado em outubro de 1974 (*Arte & Educação*, out. 1974, p. 16).

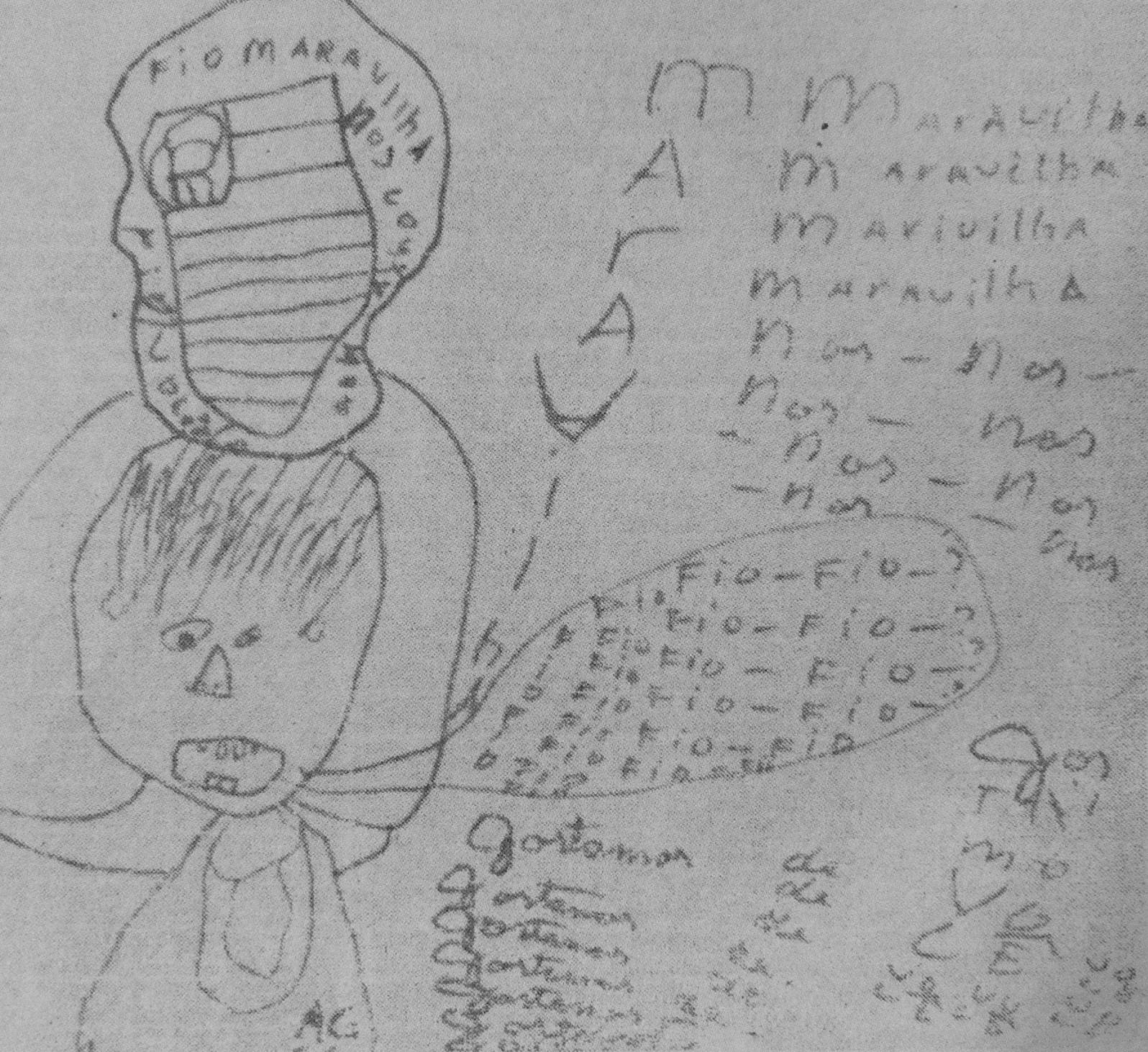


Figura 5: Desenho-poesia de André, de 8 anos, Escola Parque, Gávea

Fonte: *Arte & Educação*, out. 1974, p. 16

O autor inicia suas reflexões com a pergunta: “Por que as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo?” (*Arte & Educação*, out. 1974, p. 16) para em seguida relacionar a poesia com estados de pureza da mente que estariam presentes de modo natural no público infantil. A escola tradicional e o estudo sistemático são por ele criticados por serem corrosivos ao que denomina de “instinto poético da infância”. Em sua opinião, as escolinhas de arte poderiam se encarregar de suprir essa deficiência da educação formal, introduzindo em suas unidades projetos de educação para e pela poesia, espécies de “extensões poéticas” de suas atividades. Percebe-se o cuidado dos editores com a seleção do desenho de André, que de certa forma explicita os desejos de Drummond e adianta que sua sugestão poderia já estar sendo posta em prática.

A edição com a qual Drummond colaborou foi dedicada à temática do livro para crianças e jovens, motivada pela realização no Rio de Janeiro, naquele mês, do 14º Congresso do Conselho Internacional IBBY de Livros para Jovens. Um debate promovido nas páginas do jornal do qual participaram artistas, educadores e escritores como Artur da Távola, Aluísio Magalhães, Flávia Lobo, Augusto Rodrigues, Isabel Maria e Regina Yolanda, teve como foco as relações entre a criança, a palavra e a imagem. Além da influência das mídias eletrônicas na educação para a literatura, o papel das ilustrações de obras literárias foi motivo de polêmica entre os participantes, que ora a viam como aliada da aproximação entre crianças e livros, ora tomavam sua presença como prejudicial para o desenvolvimento da imaginação infantil.

A importância de a criança produzir suas próprias ilustrações a partir de textos lidos ou de leituras de adultos, ou criar histórias escritas ou orais tendo como base livros de imagens, foi uma das questões aventadas por Artur da Távola e referendada por Augusto Rodrigues, que acrescentou que, para a criança acostumada a desenhar e escrever, a construção de seu próprio livro de forma criadora poderia contribuir para a ampliação de seu interesse pelo livro de forma geral (DEBATE, out. 1974, p. 3-6). Esse tipo de experiência foi relatado na matéria publicada na sequência, de autoria de Mônica Barreto (out. 1974, p. 7-9), e que teve como título “A criança faz sua história”. Narrando a experiência da arte-educadora Maria Tereza Galvão Ventura com seus alunos da EAB a partir de entrevista com ela realizada, Barreto não só detalhou aspectos do processo criativo de Sérgio, de 6 anos, uma das crianças sob a responsabilidade de Ventura, como também apresentou na íntegra as imagens do livro por ele realizado.

Intitulado “A cidade dos bichos” (Figura 6), o trabalho de Sérgio versava sobre a vida numa cidade hipotética, habitada por animais humanizados. Dispostas em sequência em duas páginas inteiras, as imagens, em número de 33, vêm acompanhadas de legendas que foram previamente anotadas pela professora a partir das narrativas de seu autor.



Figura 6 – Livro “Cidade dos Bichos”, de Sérgio, de 6 anos, aluno da EAB
Fonte: Arte & Educação, out. 1974, p. 7-9.

Segundo Ventura, a contação de histórias era uma constante em seus métodos de trabalho, sendo seus alunos incentivados a realizar desenhos e pinturas a partir delas. A educadora contou a Barreto que o livro de Sérgio fora desenvolvido durante as atividades da escolinha, duas vezes por semana, ao longo de um mês, explicando seu processo de criação:

Usando canetinha hidrocor, trabalhava nas folhas pequenas já cortadas, depois me chamava para contar a história que eu anotava. Às vezes juntava três páginas até me chamar para contar. Ficava tão absorvido que preferia só contar, eu ia anotando tudo. De vez em quando inventava uma novidade: hoje ninguém podia ouvir sua história, me contava tudo aos sussurros, outro dia tudo tinha que ser feito no chão. (VENTURA apud BARRETO, 1974, p. 7).

Ventura ainda comentou que a iniciativa de Sérgio incentivou outras crianças a fazerem o mesmo, tendo a prática de elaboração de livros pelas crianças se incorporado ao cotidiano da turma.

Ao lado das fotografias e dos desenhos e pinturas das crianças, as ilustrações e reproduções de obras artísticas constituem uma categoria imagética bastante frequente no jornal *Arte & Educação*. Enquanto as imagens de obras de arte geralmente acompanham textos com conteúdos artísticos, as ilustrações muitas vezes estão diretamente relacionadas aos temas tratados em determinados artigos, sendo feitas especialmente para tal. Não obstante, embora em sua maioria elas tenham sido identificadas pela editoria com relação à autoria, outras informações relevantes, tais como técnica utilizada, dimensões ou data de realização não são fornecidas ao leitor. Tampouco há preocupação com o rigor na definição técnica da obra, a exemplo de algumas gravuras, que são referidas pelos autores dos textos como desenhos.

O desenho, seja na forma de obras de arte ou de ilustrações, foi a linguagem privilegiada para figurar ao lado dos textos publicados no periódico, o que se deu muito provavelmente pela maior adaptabilidade para a reprodução em monocromia e possibilidade de melhor tradução em relação aos originais. Essa categoria integrou mais da metade (55%) do total de imagens, seguida da gravura (21%) pelo mesmo motivo. Obras executadas em outras técnicas e meios, tais como pintura, escultura, fotografia ou objetos de design, totalizaram os 24% restantes.

Com relação à procedência, foram privilegiados os artistas brasileiros, com mais de 65% do total de imagens publicadas. Entre os artistas estrangeiros, em sua maioria de procedência europeia, predominam os relacionados com a arte moderna do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Edvard Munch e Mauritz Escher têm suas gravuras associadas a artigos que versam sobre sua biografia e obra. No caso de Munch, a litografia “O Grito”, realizada em 1895 (Figura 7), merece destaque no texto de autoria de Feodora Theresa Mckail (mai. 1971: 4), que em diálogo com Jung explora alguns aspectos psicológicos relacionados ao seu processo de elaboração. Já um desenho de Paul Klee foi escolhido para acompanhar a tradução de um fragmento de texto de sua autoria sobre a natureza do artista, extraído da obra “Sobre arte moderna” (KLEE: dez. 1974: 16).

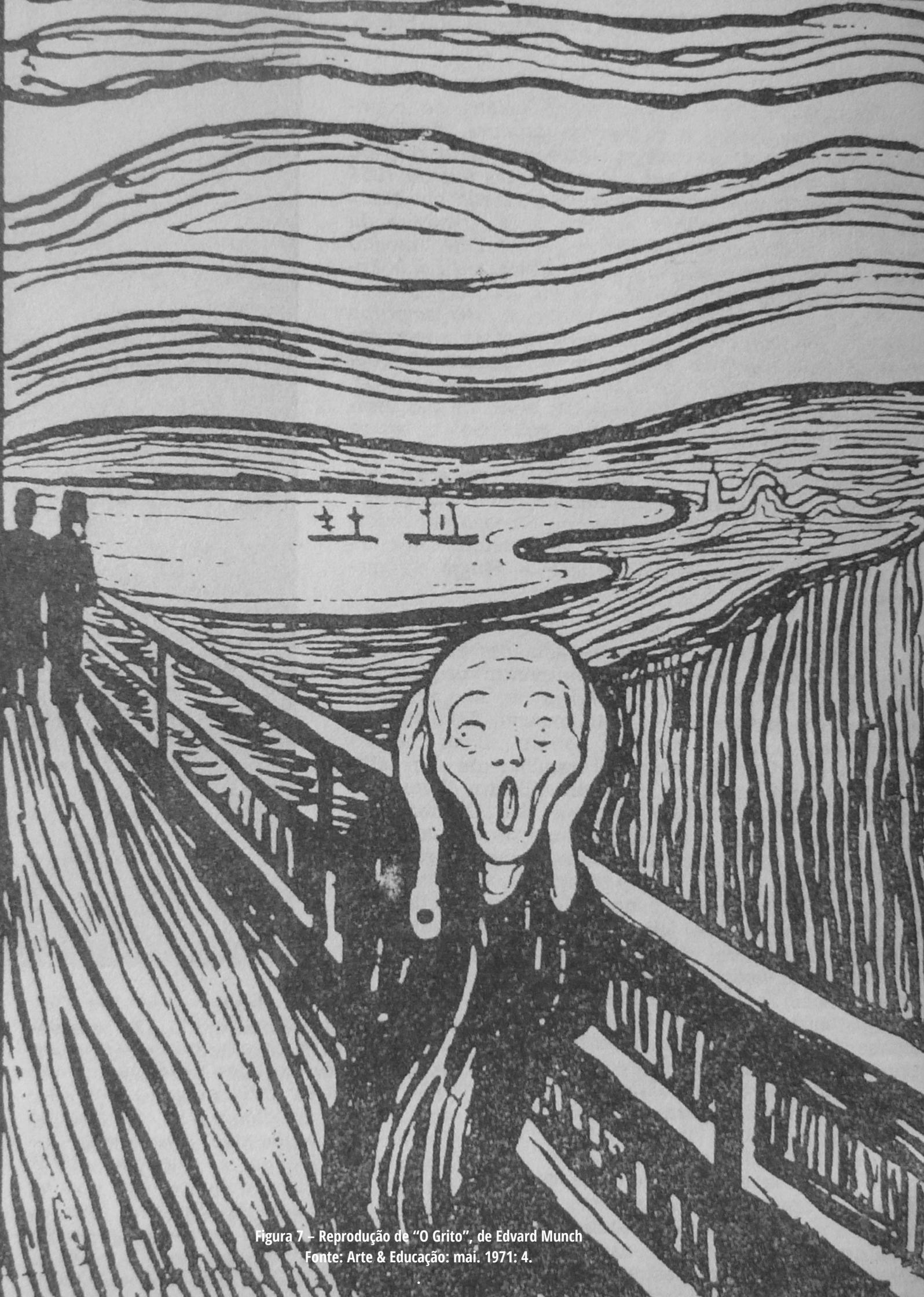


Figura 7 – Reprodução de “O Grito”, de Edvard Munch
Fonte: Arte & Educação: mai. 1971: 4.

É curioso, no entanto, que as duas únicas pinturas de artistas de períodos anteriores como os do renascimento e do barroco, considerados clássicos, figurem meramente como ilustrações de textos que têm como tema o lazer e seus aspectos psicológicos e sociológicos, não sendo a temática artística seu objeto principal. Um detalhe do afresco do pintor e escultor renascentista Michelangelo conhecido como “A criação de Adão”, realizado por volta de 1511 como parte do conjunto pictórico da Capela Sistina, pertencente ao complexo do Vaticano, ilustra o texto nomeado “O caráter subjetivo do lazer”, de Monique Augras (mar. 1975: 3), professora de psicologia da PUC-RJ (Figura 8). Nele, a mão de Deus dá vida ao primeiro homem. Já um fragmento afresco intitulado “O triunfo de Baco e Ariadne”, realizado por volta de 1597 no teto do Palácio Farnese, em Roma, pelo artista barroco Annibale Carracci, acompanha um texto de José Guilherme Merchior (mar. 1975: 12-13) sob o título “Lazer na sociedade: da tribo à automação”. Augras utiliza a obra de Michelangelo buscando relacionar o ato bíblico da criação e o lazer. Já o texto de Merchior faz uma ligação entre o lazer inerente às sociedades e o prazer expresso na obra de Carracci.

Artistas vinculados ao design gráfico e de produto também se encontram entre os que tiveram obras reproduzidas como complementos das discussões empreendidas nos textos. William Morris e Charles Ashbee tiveram imagens de padrões de tecidos e mobiliários por eles desenhados inseridos no artigo “O design e a sociedade industrial”, de Annateresa Fabris (jul. 1977: 3-5).



Figura 8 : Reprodução de detalhe de “A criação de Adão”, de Michelangelo
Fonte: Arte & Educação, mar. 1975, p. 3.

Augusto Rodrigues
97/



Figura 9 – Retrato de Abelardo Rodrigues. Desenho de Augusto Rodrigues

Fonte: Arte & Educação, jan. 1972, p. 9.

No caso de artistas brasileiros, Augusto Rodrigues é um dos autores que figura com o maior número de imagens publicadas[9], num total de 10 ao longo de todas as edições, em sua maioria ilustrações de textos seus ou de outros autores, além de vinhetas que constam das edições em que ele exerceu o papel de editor. Como ocorre no caso das fotografias, das quais ele também é o autor com o maior número de publicações, esse fato pode ser creditado ao seu compromisso com o projeto editorial da EAB, decorrente de seu lugar institucional. Realizados geralmente a nanquim com pincel de forma gestual, seus desenhos sempre atuam como ilustrações das temáticas abordadas nos textos aos quais se unem. Este é o caso do retrato de Abelardo Rodrigues, colecionador de arte homenageado pelo número 9 da revista (*Arte & Educação*, jan. 1972, p. 9) por ocasião de seu falecimento (Figura 9).

Assim como ocorreu no caso de alguns artistas estrangeiros já citados anteriormente, os brasileiros Oswaldo Goeldi (Teixeira Leite: mar. 1971a: 3), Carlos Oswald (TEIXEIRA LEITE, mar. 1971b, p. 4), José Martins dos Santos (RODRIGUES, mar. 1971, p. 5), Milton Dacosta (MAURICIO, jan. 1972, p. 5), Abelardo Zaluar (jan. 1972, p. 16) e Marília Rodrigues (jul. 1977, p. 15-16) emprestaram suas imagens ao periódico para subsidiar discussões sobre o próprio trabalho ou sobre arte brasileira empreendidas por críticos de arte ou por eles mesmos. No caso do artista popular Mestre Valentim, uma escultura sua foi utilizada no artigo intitulado “Memória da cultura brasileira” (BARRETO, 1976, 1, p. 14), texto que ratava sobre o projeto do Centro Nacional de Referência Cultural, que o Ministério de Indústria e comércio intencionava criar com o objetivo de preservar o patrimônio cultural nacional.

Exemplo único de fotografia artística de natureza abstrata explorada no *Arte & Educação*, o trabalho de Humberto de Moraes Franceschi veio acompanhado de dois textos, um de Lúcio Costa (mai. 1971: 16) e outro de Clarice Lispector (mai. 1971: 16). Os dois autores haviam sido convidados a visitar previamente uma exposição que Franceschi inauguraria em 11 de maio daquele ano no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e exaltavam, em sua narrativa, as qualidades do trabalho do artista. A imagem por ele cedida para o jornal (Figura 10) fazia parte dos painéis que integravam sua mostra, os quais exploravam a linguagem fotográfica de maneira experimental. As linhas horizontais sinuosas de tonalidades variadas, provavelmente em cores no original, exploram efeitos de luminosidade e contraste no motivo fotografado por meio da movimentação da câmera.

Categoria igualmente presente nas páginas do jornal *Arte & Educação*, sobretudo a partir da edição de número 20, publicada em julho de 1977, foi a dos cartunistas e desenhistas de humor. Além de Juarez Machado, que tivera uma inserção em edição anterior, nomes como os de Rico, Coentro, Ziraldo e Mollica passaram a colaborar com imagens vinculadas a conteúdos variados. Juntos, esses artistas foram responsáveis por cerca de um terço dos trabalhos de artistas veiculados. Essa inserção se dava em sintonia com a intensa circulação de revistas de quadrinhos infantis no contexto brasileiro. A ampliação de mercado nesse campo teve como consequência o incentivo para que mais artistas brasileiros se dedicassem a essa atividade, o que representou a consolidação de artistas como Ziraldo, que atuava desde a década anterior em diversos veículos do país. De acordo com Cunha (2015), que analisou a coleção de livros didáticos intitulada *Educação Artística*, em circulação na década de 1970, o uso de personagens de histórias em quadrinhos em livros didáticos interagindo com o leitor era comum nos compêndios didáticos do período. A opção do *Arte & Educação* por essa linguagem pode ter se dado tanto por sua popularidade entre o público em geral, como pela familiaridade da linguagem por parte de professores e alunos dentro do contexto escolar.

[9] Além dele outros artistas tiveram participação ocasional como ilustradores de temas vários, tais como Haroldo Mattos, Peter Nagel, Oscar Palácios, Nello Nuno, Percy Lau, Alberto Cedron, Inimá de Paula, Vergílio Costa.



Figura 10 – Fotografia de Humberto de Moraes Franceschi.
Fonte: *Arte & Educação*, mai.1971, p. 16.

Orlando Mollica, que entre 1973 e 1987 atuou como cartunista e ilustrador em veículos de grande circulação como o *Jornal do Brasil*, o *Globo* e o *Pasquim*, compareceu no *Arte & Educação* com 11 imagens, sendo o artista com mais participações entre os colaboradores do periódico. Suas ilustrações, embora relacionadas aos temas dos textos com os quais faziam parceria, também funcionavam de forma autônoma, atuando como charges muitas vezes irônicas sobre os universos da arte e da educação. Em algumas ocasiões, o choque de gerações também foi objeto de sua atenção, motivado por reflexões de autores sobre a fase da adolescência e seus processos de transformação social. Uma das ilustrações publicadas (Figura 11) foi motivada pelo artigo intitulado “A arte no processo educativo”, de Noêmia Varella (jul. 1977: 8).

Mollica explora o contraste entre o universo escolar, em que a arte era representada, nos currículos escolares, pelo ensino de desenho geométrico, e o contexto de liberdade desejado pelas escolinhas de arte. Num diálogo imaginado entre professor e aluno, um quadrilátero expressa o pensamento do primeiro sobre os conteúdos a serem tratados ou como a resposta possível de uma questão hipotética, cuja exatidão e rigidez predominam. Dentro dele, desenhos imaginados pela criança entrelaçam diversos elementos da natureza e elaborados pelo homem, num exercício livre de expressão.



Mollica

Figura 11 – Ilustração de Mollica para o texto “Arte no processo educativo”
Fonte: Arte & Educação, jul. 1977, p. 8

Considerações finais

Projeto singular no universo dos objetos culturais da imprensa pedagógica por se voltar especialmente ao universo da educação informal em arte para além dos espaços escolares, o jornal *Arte & Educação* teve na imagem um de seus elementos constituintes de relevância. Em seu projeto editorial, ela atuou prioritariamente para ilustrar os temas tratados, fossem eles relacionados à arte ou a outras temáticas, ou para exemplificar ideias ou metodologias defendidas. Também teve a função de documentar atividades realizadas na EAB, em outras escolinhas de arte ou eventos a elas relacionados. Com menos frequência, processos de constituição das imagens originais veiculadas e aspectos psicológicos a elas inerentes também foram objeto de atenção dos autores que a elas se referiam.

As limitações técnicas, características de um jornal, cuja execução possibilitava na época reproduções de texto e imagem em monocromia, foram bem exploradas pela editoria do periódico, que optou preferencialmente por imagens originalmente em preto-e-branco, tais como fotografias, desenhos e gravuras. Essas escolhas foram responsáveis por uma melhor tradução das obras reproduzidas, minimizando perdas em relação aos originais. Por outro lado, a grande incidência de fotografias e ilustrações de autores vinculados à Escolinha aponta para a necessidade de aproveitamento das habilidades e mão de obra internas, otimizando força de trabalho e viabilizando economicamente a realização da publicação.

As relações umbilicais do *Arte & Educação* com a Escolinha de Arte do Brasil, da qual fazia parte, resultaram numa sintonia de ideias, expressa não só na seleção dos textos, mas também das imagens, as quais privilegiaram as ideias de liberdade de expressão na arte e da importância das atividades artísticas nos processos educacionais. Isso ficou evidente na exploração de cenas em que crianças aparecem realizando atividades artísticas, as quais remetem, em sua informalidade, a princípios relacionados aos movimentos educacionais renovadores e aos princípios de educação pela arte, reforçados igualmente pela publicação de desenhos infantis e pela preferência pela veiculação de obras de arte e ilustrações de natureza gestual.

Como objeto de representação em imagens fotográficas ou como produtora de imagens, a criança revelou grande protagonismo no universo imagético do periódico, sendo enfatizada sua pureza expressiva e exploradas as qualidades estéticas e pedagógicas de sua produção.

A presença, nas páginas do jornal, de obras de artistas brasileiros e estrangeiros, em sua maioria relacionados com os contextos de produção artística moderno e contemporâneo, para além da publicidade que eventualmente alguns deles lograram, funcionou como um referendo para o projeto de educação e arte empreendido pela EAB, contribuindo para a construção de uma iconografia que dava suporte às ideias de educação pela arte defendidas pela Instituição e pelo próprio jornal.

Nos últimos anos, observa-se uma aproximação com a cultura dos quadrinhos, por meio da colaboração de cartunistas atuantes na imprensa do período, os quais emprestaram seu talento interagindo de forma humorística com os artigos publicados. O jornal buscava, assim, seguir uma tendência que se anunciava de forma pronunciada no período como parte de uma cultura de massa que atingia cada vez mais o público leitor.

Junto com os conteúdos dos textos, as imagens constantes no jornal *Arte & Educação* formaram um sistema de ideais com características bastante peculiares, que tinha na educação da criança pela arte e na capacitação do educador para esse fim seus objetivos principais.

Referências (e Fontes)

- ARTE & Educação, Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, 1970-2009.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 0, set. 1970.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, jan. 1971.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 4, abr. 1971.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 5, mai.1971.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 6, jun.1971.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 9, jan.1972.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 15, out. 1974.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 17, mar.1975.
- ARTE & Educação, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 20, jul.1977.
- AUGRAS, Monique. O caráter subjetivo do lazer. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 4, n. 17, mar. 1975, p. 3.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- AYALA, Walmir. *Escolinha Salva*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1970, p. 2. *Artes na Semana*.
- BARRETO, Elisa. A memória da cultura brasileira. Entrevista com Vladimir Murtinho. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 4, n. 18, 1976, p. 1;15-16.
- BARRETO, Mônica. A criança faz sua história. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 15, p. 7-9)
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Apêndice – a imprensa periódica educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *A imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 173-187.
- BERTETTO, Paulo. A imagem da imagem e sua diferença. In: FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos (orgs.). *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 271-286.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CASPARD, Pierre; CASPARD, Pénélope. *Imprensa pedagógica e formação contínua de professores primários (1815-1939)*. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *A imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 33-46.
- CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *A imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- COSTA, Lúcio. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 5, mai. 1971, p. 16.
- CUNHA, Amanda Siqueira Torres. *Coleção Educação Artística no contexto da Lei 5691/71: entre as prescrições legais e as práticas editoriais*. 2015. 271f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- DEBATE: a criança, a palavra e a imagem. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 15, out. 1974. p. 3-6.
- ENTLER, Ronaldo. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios. In: SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- ESCOLA de arte fica sem verba e pode fechar. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1970, p. 4.
- ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE. Regina Alvarez: *Experiência Fotossensível*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2011. (Catálogo de exposição). Disponível em: <https://2ca6612a-dbad-4010-ad1a-96a477c85f94.filesusr.com/ugd/2a3056_e7dded7a82f04c42b62c3ed337a94e01.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ESCOLINHA de Arte do Brasil (EAB). In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao209047/escolinha-de-arte-do-brasil-eab>>. Acesso em: 06 de Jan. 2021. Verbete da Enciclopédia.
- ESCOLINHA de arte resiste e vence. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 mar. 1970, p. 9.
- ESCOLINHA vê e fotografa o zoológico. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 13, ago. 1972.
- FABRIS, Annateresa. O design e a sociedade industrial. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 20, jul. 1977, p. 3-5.

- FREITAS, Zoé Chagas. Entrevista com Zoé Chagas Freitas. *Arte & Educação*, edição especial, mar. 2006, p. 5.
- KLEE, Paul. O que é o artista? *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 16, dez. 1974, p. 16.
- LISPECTOR, Clarice. Uma novidade, uma grandeza. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 5, mai. 1971, p. 16.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MAURÍCIO, Jayme. Dacosta: As antinomias. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 9, jan. 1972, p. 5.
- MERQUIOR, José Guilherme. Lazer na sociedade: da tribo à automação. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 4, n. 17, mar. 1975, p. 12-13.
- MIRANDA, Orlando (org.). *Coletânea do Jornal de Arte e Educação*. Rio de Janeiro: Teatral, 2009.
- NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes. A imprensa periódica educacional e as fontes de pesquisa para a história da educação. *Sinergia*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 60-65, jan./jun. 2007.
- NÓVOA, Antonio; BANDEIRA, Filomena; PAULO, João Carlos; TEIXEIRA, Vera. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *A imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31.
- OSINSKI, Dulce Regina Baggio. Um impresso pedagógico a serviço da educação pela arte: o jornal *Arte & Educação* (1970-1978). In: NERY, Ana Clara Bortoleto; GONDRA, José (orgs.). *Imprensa pedagógica na Ibero-américa: local, nacional e transnacional*. São Paulo, SP: Alameda, 2018.
- READ, Herbert. *Education through Art*. London, UK: Faber and Faber, 1943.
- RODRIGUES, Abelardo. A arte ingênua de José Martins dos Santos. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 3, mar. 1971, p. 5.
- RODRIGUES, Augusto. Apresentação. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, n. 0, set. 1970.
- RODRIGUES, Marília. Arte na educação: a descoberta da liberdade interior. Entrevista com Marília Rodrigues. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 21, set. 1977, p. 15-16.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- SOS Rio: vamos salvar uma escola? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1978, p. 5.
- TEIXEIRA LEITE, José Roberto. A evolução da gravura brasileira. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 3, mar. 1971a, p. 3.
- TEIXEIRA LEITE, José Roberto. Carlos Oswald – o pai da gravura brasileira. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 3, mar. 1971b, p. 3.
- VARELLA, Noêmia. A arte no processo educativo. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 20, jul. 1977, p. 8.
- VOCÊ MERECE. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 2, fev. 1971, p. 4.
- ZALUAR, Abelardo. Zaluar – reflexões sobre o seu trabalho. *Arte & Educação*, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 9, jan. 1972, p. 16.